



Pesquisa-Ação

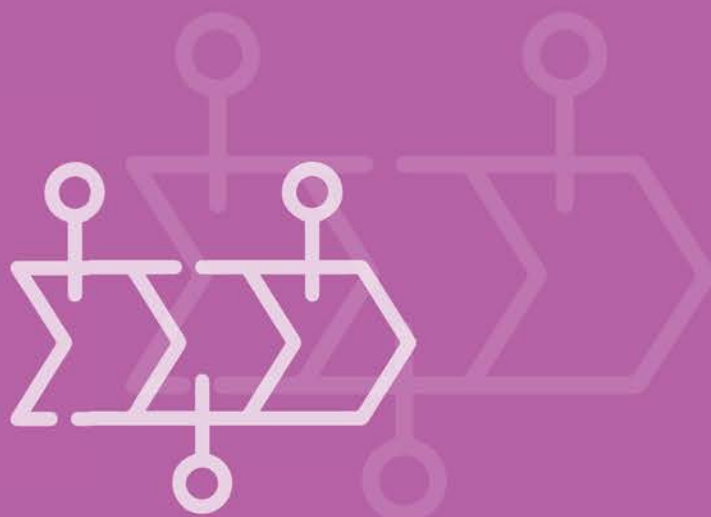
Agentes Culturais Democráticos



Módulo XII:

Momentos e Movimentos da Arte e Cultura Brasileiras

Meran Vargens



Módulo XII:

Momentos e Movimentos da Arte e Cultura Brasileiras

Módulo XII:

Momentos e Movimentos da Arte e Cultura Brasileiras

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Salvador, 2024



O presente trabalho foi realizado com apoio do Fundo Nacional da Cultura do Ministério da Cultura - Brasil - Esta obra está sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFBA

V297 Vargens, Meran.
Momentos e movimentos da arte e cultura brasileiras / Meran Vargens. - Salvador: UFBA;
UFRB, 2024.
60 p. : il.

Esta obra faz parte do Projeto Pesquisa-Ação: Agentes Culturais Democráticos.
Módulo XII

1. Cultura – Brasil. 2. Arte – Brasil. 3. Cultura popular – Brasil. 4. Cultura - Estudo e ensino.
I. Vargens, Meran Muniz da Costa. II. Universidade Federal da Bahia. III. Universidade Federal
do Recôncavo da Bahia. IV. Título.

CDU 008

Elaborada por Marcos A. N. Ferreira

CRB-5: BA-001758/O

MINISTÉRIO DA CULTURA

Ministra: Margareth Menezes

Secretaria de Formação, Livro e Leitura

Secretário: Fabiano Piúba

Secretaria dos Comitês de Cultura

Secretária: Roberta Cristina Martins

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor: Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-Reitor: Penildon Silva Filho

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - IHAC

Diretor: Luis Augusto Vasconcelos da Silva

Vice-diretor: Milton Júlio de Carvalho Filho

Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT)

Coordenadora Geral: Sophia Cardoso Rocha

Vice Coordenadora: Lourivânia Soares Santos

Superintendência de Educação a Distância

Superintendente: Márcia Tereza Rebouças Rangel

Equipe de desenvolvimento do Projeto

Coordenador Geral:

Antônio Albino Rubim

Vice-Coordenadora: Sophia Cardoso Rocha

Pesquisadores

Adriano de Oliveira Sampaio

Angela Maria Menezes de Andrade

Antônio Albino Rubim

Gisele Marchiori Nussbaumer

Giuliana D´El Rei Sá Kauark

Guilherme Rosa Varella

José Roberto Severino

Lourivânia Santos Soares

Luana Vilutis

Mariella Pitombo Vieira

Meran Muniz da Costa Vargens

Ohana Boy Oliveira

Sophia Cardoso Rocha

Orientadores de Pesquisa no AVA

Cora Santana

Nícia Riccio

Auxiliares de Pesquisa

Amanda Azevedo Sousa

Antonio Teófilo de Almeida

Beatriz Abreu Gomes

Bianca Kaizer de Oliveira

Breno Domingos de Oliveira

Camila de Oliveira Almeida

Caroline Dumas Oliveira

Ivalda Kimberly Santos Portela

Jaqueline Souza

João Caetano Brandão Andrade

José Rayone Lima Borges

Kênia Natividade Santos Silva

Márcel Pereira dos Santos

Marina Vlacic Moraes

Nathalia Oliveira Leal

Noédson Conceição Santos

Nubia dos Reis Pinto

Pérola Cavalcante Dourado

Rodrigo Araujo dos Santos

Tássia Camile de Matos Barbosa

Thainá Silva de Oliveira

Thiago Carvalho de Sousa Correia

Tiago Leonardo Alves Muniz

Vanessa Avelar Barreto

Pesquisador Especialista em Tecnologias Educacionais:

Haenz Gutierrez Quintana

Pesquisador Especialista em Design Instrucional:

Lanara Guimarães de Souza

Pesquisador Especialista em AVA:

José Renato Gomes de Oliveira

Comunicação: Fernanda Pimenta

Secretaria Administrativa:

Lisandra Alcântara

Apoio Administrativo:

Delmira Nunes

Produção de Material Didático

Coordenação de Tecnologias Educacionais - CTE-SEAD

Coordenação

Prof. Haenz Gutierrez Quintana

Projeto gráfico e Capa

Haenz Gutierrez Quintana

Danilo Barros

Foto de capa: Rawpixel

Supervisão:

Haenz Gutierrez Quintana

Danilo Barros

Editoração / Ilustração:

Ana Carla Sousa; Anatriz Souza;

Carolina Arruda; Gabriela Cardoso;

Matheus Moraes; Thalles Purificação

SUMÁRIO

SOBRE A AUTORA , 11

APRESENTAÇÃO, 13

UNIDADE I

ARTE E CULTURA NO BRASIL COLÔNIA E BRASIL IMPÉRIO -
O FRAGMENTO DE UM OLHAR, 15

UNIDADE II

O SÉCULO XX E A TRAJETÓRIA DO MODERNISMO AO
TROPICALISMO ENTRE DEMOCRACIAS E DITADURAS DO
BRASIL REPÚBLICA, 38

UNIDADE II

O SÉCULO XXI E A CONTEMPORANEIDADE DIANTE DOS
MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS, 53

REFERÊNCIAS, 65

SOBRE A AUTORA

Atriz e diretora teatral, possui graduação em Educação Artística, Habilitação Em Artes Cênicas pela Universidade Católica do Salvador (1985), especialização em Composição Coreográfica pela Escola de Dança UFBA (1994), mestrado em Theatre Arts Performance - University of London (1997), doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2005), pós-doutorado pelo Instituto de Artes da UNICAMP - SP (2010), Pós-doutorado pelo Centro de Letras e Artes da UNIRIO (2016), Pós-doutorado no Centro de Artes da UDESC (2023). Atualmente é Professora Titular da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA de março de 2017 a março de 2020. Desempenha-se como vice coordenadora da área de Artes da Câmara Superior da FAPESB desde 2021. Integra os grupos de pesquisa LAVRARE- Laboratório de Voz Rastros e Redes, do qual é líder, e do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Contemporaneidade, Imaginário e Teatro (GIPE-CIT) ambos vinculados ao Cnpq. É membro do Conselho Editorial da Revista Repertório desde 2018 e Editora Associada da Revista Voz e Cena desde 2020. Premiada pela direção dos espetáculos teatrais O Castelo da Torre (2015), Amnesis - Uma busca Intencional pela lembrança (2013), Seu Bomfim (2005) e pela atuação em Extraordinárias Maneiras de Amar (2001). Atua, dirige e interpreta o espetáculo de contação de histórias improvisadas com a plateia Qualquer Coisa a Gente Inventa desde 2011 até os dias atuais. Dirigiu os espetáculos O Rato no Muro (2023) e Viva o Povo Brasileiro (2007) como resultado da formatura do curso de Interpretação Teatral da Escola de Teatro-UFBA. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Interpretação Teatral, atuando principalmente nos seguintes temas: ator, expressão vocal, processo de criação, interpretação e expressão vocal tendo como foco o ator/performer nas linguagens do teatro, do circo e da dança. Investiga o teatro narrativo, os contadores de histórias, a pesquisa de campo com relatos de vida e a pedagogia do teatro em suas diversas interfaces incluindo a abordagem somática.

Endereço para acessar o Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0228375103942958>

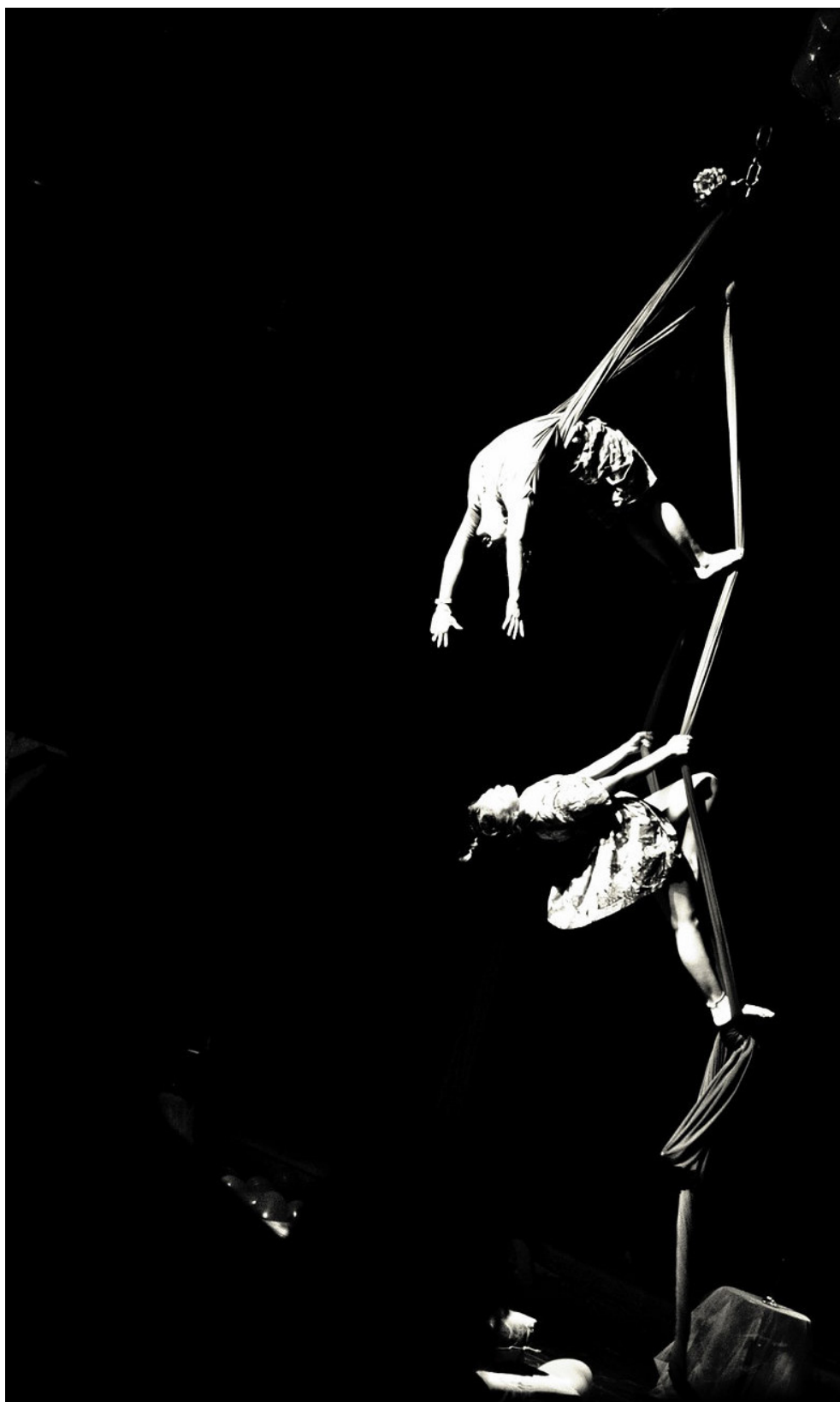


Figura 1. Representação Artística.

FONTE: Flickr

APRESENTAÇÃO



Este módulo busca traçar um panorama histórico-cultural e artístico pontual, que vai do Brasil Colônia ao Brasil contemporâneo do século XXI. Nossa intenção é delinear o papel da Arte na Cultura. Queremos trazer para o debate os contextos socio-políticos-culturais que impulsionaram transformações na construção de nossa identidade enquanto nação. O recorte escolhido busca evidenciar personalidades, movimentos e momentos que marcaram nossa história oficial, transitando em meio a regimes autoritários e aos suspiros de Democracia, tendo como marcadores da trajetória artistas de cada época. No tempo colonial o poeta Gregório de Matos é protagonista e na transição do Império para a República, os escritores Castro Alves e Machado de Assis dividem a cena. Elegemos o Movimento Modernista de 1922 e o Tropicalismo dos anos 1960 e 70, circundados pela participação dos educadores Anísio Teixeira e Edgar Santos, para traçar um panorama do século XX. No presente, a potência antropófaga do Teatro Oficina e os movimentos identitários ligados a presença estética e ética das culturas afro-ameríndias e tendo como exemplo a trajetória afirmativa do Teatro Negro na Bahia, são os que nos oferecem suas experiências e trajetórias.



Figura 2. Retrato da índia Tapuya com partes humanas, Albert Eckhout, 1641.

FONTE: Wikipedia

UNIDADE I

ARTE E CULTURA NO BRASIL COLÔNIA E BRASIL IMPÉRIO - O FRAGMENTO DE UM OLHAR

Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do hemisfério sul da América, num claro instante

(Um índio, Caetano Veloso)

Começemos pelo começo.

Os portugueses invadiram as terras indígenas do Brasil, a Terra de Pindorama, e inventaram uma narrativa da descoberta. O ano era 1500. A intenção era dominar o povo aqui encontrado e ficar com suas terras. Uma terra “em que se plantando tudo dá”, anunciou Pero Vaz de Caminha. E logo que chegaram começaram a enviar as notícias de como era aqui, a terra por eles “descoberta”. Sim, para eles era uma terra nova que outros já conheciam. E começa, então, a história do Brasil feita pelos portugueses, e outros estrangeiros, com o olhar de suas culturas europeias.

Pero Vaz de Caminha avisa que as terras são incríveis. Fala dos indígenas como aqueles que não cobrem suas vergonhas e estão a andar nus. Parecem até ingênuos, inocentes.

Conhecemos a versão dos portugueses e hoje sabemos que havia o interesse de dominação em cada gesto deles.

Para começar, toda a primeira leva de obras de arte que aqui se produziu, entre textos e desenhos, foi feita por estrangeiros comunicando para a Europa o que era o Brasil, seu povo e seus costumes. Imagina o espanto deles ao perceberem os indígenas tomando banho todo dia! A primeira peça literária é a carta de Pero Vaz de Caminha, o escriba da expedição:

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

Mas, o que pensavam os indígenas dos portugueses?

Impressões de uma cultura diante de outra.

Ninguém sabe. Alguém se lembra do que aprendeu na escola? Lembra das imagens dos indígenas comendo o bispo Sardinha? Ora pois, eram com estas narrativas e imagens que construíram nossa identidade junto à Europa e mesmo entre os que aqui chegavam. Nós, os selvagens.

É clássica e amplamente divulgada aquela cena descrita pelo alemão Hans Staden, que fez duas viagens ao Brasil, entre 1547 e 1549, como artilheiro mercenário. No livro *Duas Viagens ao Brasil*, ele conta sobre os nove meses que passou prisioneiro dos Tupinambás. Uns canibais! Escapou de virar banquete porque chorou muito e os indígenas não devoravam covardes. Hans sobreviveu e sua aventura foi publicada por ele mesmo. É ele quem nos dá a conhecer os detalhes de um “banquete antropofágico”. Séculos depois a ilustração *Canibais*, de Theodor Bry, inspirou o poeta Oswald de Andrade a escrever seu *Manifesto Antropófago*!

Todos em volta devorando pedaços de seres humanos. Imagina só!

A língua portuguesa desempenhava um papel importante nesse jogo de dominação. E a estratégia portuguesa foi investir na transformação cultural dos povos originários. Ainda nos anos 1500, os jesuítas chegaram para catequizar os indígenas e ensinar o idioma dos portugueses. Para isso aprendiam os dialetos das várias etnias. Para os povos daqui faziam um teatro bem didático. Escreviam e encenavam “autos” em português e na língua nativa. Ensinavam as crianças indígenas a cantar, a dançar e a tocar instrumentos de origem europeia, tais como gaitas, tambores, viola e até cravo.

Pergunta-se: e havia conhecimento musical entre os indígenas? O francês Jean de Léry, num relato de 1557, revelou a impressão que lhe causava a música indígena:

Figura 3. Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro



FONTE: Google Arts & Culture

Essas cerimônias duraram cerca de duas horas e durante esse tempo os quinhentos ou seiscentos selvagens não cessaram de dançar e cantar de um modo tão harmonioso que ninguém diria não conhecerem música. Se, como disse, no início dessa algazarra, me assustei, já agora me mantinha absorto em coro ouvindo os acordes dessa imensa multidão e sobretudo a cadência e o estribilho repetido a cada copla: Hê, he ayre, heyrá, heyrayre, heyra, heyre, uêh. E ainda hoje quando recordo essa cena sinto palpitar o coração e parece-me a estar ouvindo.

Os europeus que vinham desbravar nossas terras traziam artistas para ilustrar a expedição. Aportou aqui o holandês Albert Eckout, que veio com o também holandês Maurício de Nassau, em 1637. E olha que interessante! Albert pintou uma indígena carregando uma cesta com pedaços de corpos humanos como

Figura 4. Canibais, século XVI, .



FONTE: Flickr

se fossem frutas para comer, quiçá, num piquenique! Era a *Mulher Tapuia* e ainda criou a imagem idealizada de uma indígena vestida em túnica branca caminhando com cesta de flores, a *Mulher Mameluca*.

Hoje, parando para pensar, é possível questionar a autenticidade dessas imagens? Seriam elas algo como *fake news*? Que interesses nutriam os portugueses ao compartilhar estas imagens e narrativas? Afinal, tratava-se de uma invasão! Colonizar exige o massacre da subjetividade de um povo. Pressupõe um projeto de domínio cultural. E assim, essas resenhas e imagens iam forjando nossa identidade junto à Europa.

Para massacrar a subjetividade é preciso distorcer e desvalorizar o que é do outro e que desconhecemos. A musicalidade indígena era descrita como assustadora, sempre “ligadas a danças rituais, entre batidas de pés no chão, volteios de corpo

e pequenos estribilhos em uníssono utilizando instrumentos como trombetas com crânio de gente na extremidade, flautas de ossos, chocalhos de cabeças humanas”, cita o artigo “A Deculturação da Música Indígena Brasileira”, de José Ramos Tinhorão.

Se no início havia alguma boa convivência e troca amigável entre essas duas culturas, tudo mudou quando teve início o cultivo da cana de açúcar. Evidenciou-se, para a população indígena, a intenção portuguesa de usar sua mão de obra de maneira escravizada. A cordialidade acabou.

A primeira luta do povo brasileiro foi a do indígena contra o invasor europeu.

Um dos maiores levantes do Brasil Colônia foi o dos Tapuias, conhecido como a Guerra dos Bárbaros. A resistência aos invasores teve início em 1687, e se estendeu por mais de 20 anos. Atingiu as áreas das capitanias do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Alcançou uma envergadura imensa e reuniu as tribos Aucurus, Paiacus, Icós, Icopinhos, Bulbis, Arius, Pegas, Caracás, Canindés, Coremas, Caracarás e Bruxarás.

Somos testemunhas de que os indígenas lutaram e lutam bravamente contra o massacre de seus corpos, de seus modos de vida, de suas almas, de seus valores.

Como a tentativa de escravização indígena fracassa, a era da escravização dos negros africanos começa. Um comércio lucrativo. Mas, a Igreja concordaria com isso? Pela cultura católica cristã, na qual a palavra do filho de Deus é amar ao outro como a si mesmo. E então? Então os colonizadores inventaram uma máxima: “negros não são humanos!” E discutiam entre si:

“É mesmo?” “É.” “Mesmo?”

Sabiam muito bem que eram humanos e que tinham seus idiomas. Falavam outras línguas. Tinham diferentes crenças entre seus grupos. Havia saberes distintos entre as tribos que chegaram da África. Como assim? Sim, possuíam saberes muito úteis à corte e à economia da Colônia. Eram humanos, sim. Todos sabiam muito bem disso, sim. Sem sombra de dúvidas, a tortura passou a fazer parte da nossa cultura em suas primeiras raízes como característica estruturante da natureza colonizadora e escravocrata.

Os portugueses eram exigentes. Só era permitido pensar em português, sentir em português, expressar-se em português, sonhar em português. Matutar... nem em

português. Preferiam agrupar os africanos de origens diferentes para manter o controle entre as várias tribos. Assim evitavam a troca e a cumplicidade cultural entre aqueles de uma mesma região, que falassem a mesma língua.

Indígenas e africanos zelavam por suas crenças, modos de celebrar, comer, relacionar-se e cultivavam seus saberes específicos. Na atitude de sobrevivência inventavam modos para manter suas tradições, seus cantos, suas histórias sempre transmitidas oralmente. Sincretizaram danças e festas às escondidas. Ecoaram vozes, tambores e maracás no entorno de uma cultura europeia que tocava trombetas, gaitas, violas e se impunha. Integravam as bandas musicais em saraus, óperas, bailes. Eram indispensáveis nas festividades sacras e profanas. Compareciam como serviçais nos eventos da Igreja. Procissão. Corais. Cânticos.

Indígenas e africanos integraram elementos díspares numa síntese. Conciliaram concepções heterogêneas de mundo, de vida, de natureza, de deuses, fazendo conviver alhos e bugalhos. Mágica tropical? Quiçá.

A corte portuguesa se estabelecia na cidade da Bahia. Trazia seus costumes, sua comida, sua música, seu teatro. Se retratava em imagens pictóricas como uma self encomendada a artistas plásticos. Os negros eram obrigados a executar a música de origem europeia sem qualquer possibilidade de síntese com suas raízes africanas.

Por aqui, já havia os trovadores para fazer e levar narrativas capazes de agregar as misturas que começavam a se dar entre os idiomas. Um nascedouro de palavras e expressões. Na roça e na cidade circulava um fervilhar de novos termos. O que mais importava era se comunicar em viva voz e cada um “vender seu peixe”. E nessa jornada a língua portuguesa incorporou palavras da língua dos nativos e dos escravizados africanos. E assim se aportuguesou a

*arapuça, biboca, caboclo, caipora, carioca,
catapora, cumbuca, curumim, curupira,
guri, inhaca, jururu, maniçoba, mingau,
nhe-nhe-nhem, pereba, peteca, pindaíba,
pipoca, pororoca, saci, suruba, taba, tocaia, xará.*

Dos dialetos africanos entrou na língua dos portugueses a

*babá, bagunça, bambolê, banguela, cachimbo, cafuné,
caçula, calombo, chilique, cochilar, curinga, denço,
empacar, gangorra, geringonça, fubá, lambança,
lenga-lenga, maluco, macaco, manha, mano,
maracutaia, matuto, meiguice, moleque,
quitanda, sapeca, serelepe, tagarela,
tribufu, zombar.*

“A vida é real e de viés”, canta Caetano Veloso.

A cilada armada estava evidente. A amplitude de cosmo visões afetou os colonos, especialmente os que tinham sensibilidade poética. Já eram os anos de 1600. Estávamos embalados pela estética barroca.

Se cartas e discursos como os de padre Antônio Vieira, escritos em 1608, se apresentavam em perfeito português de Portugal era nítido, nas entrelinhas, que defendia os que aqui viviam. Em sua eloquência, sutileza e analogias bíblicas, alfinetava os poderosos da corte. Sua voz ecoava em versos e na oratória precisa de seus sermões.

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar.

Já seu contemporâneo, o poeta Gregório de Matos, atacava a todos sem distinção com sua língua afiada. Seu vocabulário inovava, apaixonava e incomodava. Absorvia a vida cotidiana mestiça, complexa e barroca. Começou a contar em sonetos, quadras, sextilhas a outra face dessa mesma história.

*A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha
E podem governar o mundo inteiro.*

As figuras do governador, do bispo, dos padres, dos nobres, dos comerciantes, dos cidadãos comuns, das meretrizes e dos escravizados interagem num cotidiano possível de se imaginar. Ou já imaginado, com o que nos foi dado como possibilidade de imaginação?

Figura 5. O poeta Gregório de Matos por F. Briguiet, séc XIX.



FONTE: Wikipedia

*Em cada porta um bem frequente olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,
Para a levar à praça e ao terreiro.*

Em que pé anda nossa subjetividade? Qual a gama de referências que nos permite a visão da história? Gregório elucida imagens sem papas na língua. Seus versos seguiam o esquema métrico regular, vigente no período. Eram fáceis de memorizar e caíam na boca do povo. Era chamado de boca de brasa ou boca do inferno. Ora pois...

*Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia,
Estupendas usuras nos mercados,
Todos os que não furtam muito pobres:
E eis aqui a cidade da Bahia.*

Gregório vinha desta corte onde imperava o sagrado e o profano. Nascido em 1636 e criado nessa mesma cidade da Bahia, como era chamada Salvador à época. Pertencia a uma família abastada. Sua mãe, Maria da Guerra. Seu pai, um nobre português. Estudou no Colégio dos Jesuítas. Sua grande paixão, a Literatura.

Como todo filho abastado foi estudar em Portugal. Formou-se em Direito em 1691. Trabalhou como juiz. Reza a lenda que seus versos também incomodaram a corte portuguesa. Foi conduzido de volta ao Brasil. Era um espírito rebelde. Retornou exercendo os cargos de vigário-geral e tesoureiro-mor. Foi afastado do cargo por se recusar a usar batina. Incorrigível, seguia satirizando a Igreja e seus fiéis.

*A nossa Sé da Bahia,
Com ser um mapa de festas,
É um presépio de bestas,
Se não for estrebaria:
Caveira mula galega,
O Deão burrinha parda,
Pereira besta de albarda,
Tudo para a Sé se agrega.*

É possível criticar aspectos da sociedade, do governo e da Igreja sem sofrer retaliações?

Se ao corpo do negro e do indígena se abatia a tortura, o tronco, a chibata e a morte, ao filho do branco sentenciava-se o exílio, o abandono. Gregório foi perseguido pela Inquisição e condenado ao degredo em Angola no ano de 1694. Lá adoeceu. Com a saúde precária, conseguiu acordo para retornar ao Brasil. Foi proibido de voltar à Bahia. Faleceu com 59 anos, em novembro de 1696, na cidade de Recife, em Pernambuco.

Qual a dimensão da dor de viver longe do seu território de pertencimento? Tortura-se o corpo, tortura-se a alma.

Alguma semelhança com os artistas exilados da ditadura civil-militar de 64? Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Zé Celso Martinez Correa, Augusto Boal. Alguma afinidade com os inúmeros imigrantes pelo mundo afora em pleno século XXI escapando de regimes totalitários, guerras, fome? Os Tribalistas Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte fazem esta analogia e invocam a voz do poeta clamando por Deus na canção *Diáspora* de 2017. Quem é capaz de ouvir sem sentir tremer o coração? Escute.

Acalmou a tormenta

Pereceram

Os que a estes mares ontem se arriscaram

E vivem os que por um amor tremeram

E dos céus os destinos esperaram

Atravessamos o mar Egeu

Um barco cheio de Fariseus

Com os Cubanos

Sírios, ciganos

Como Romanos sem Coliseu

Atravessamos pro outro lado

No rio vermelho do mar sagrado

Os center shoppings superlotados

De retirantes refugiados

You

Where are you?

Where are you?

Where are you?

Onde está

Meu irmão sem irmã?

O meu filho sem pai

Minha mãe sem avó?

Dando a mão pra ninguém

Sem lugar pra ficar

Os meninos sem paz

Onde estás, meu Senhor

Onde estás?

Onde estás?

Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?

Em que mundo, em que estrela tu te escondes

Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito

Que embalde desde então corre o infinito

Onde estás, Senhor Deus?

You

Where are you?

Where are you?

Where are you?

Where are you?

Where are you?

Where are you?

Where are you?

Where are you?

Where are you?

Where are you? Onde estás? Where are you?

Senhor Deus, quem diria que este sonoro “Where are you?” vem no eco da voz de Castro Alves no poema *Vozes d’África*, de 1868.

Os Tribalistas reposicionaram para a história a dor da escravidão. Apontam com veemência onde ela está presente no séc. XXI, no ano de 2017. Num shopping center repleto de refugiados “dando a mão pra ninguém”.

Where are you?

Trata-se da força poética.

Um dos papéis da arte é tecer elos na linhagem dos tempos que nos permitam alcançar certas camadas da nossa existência e, quiçá, redimensioná-las.

A saga de todos os que atravessaram mares e marés. Os mortos. Os sobreviventes. Castro Alves é acionado na cadência da memória de gerações. O poeta vive. Seu grito corre o infinito.

Debalde?

É dessa intensidade que importa aqui falar, da potência do artista em criar pontes. Destacar como ela é despertada e como faz mover uma comunidade. O que sentiram os escravizados ao ver sua dor traduzida nas imagens construídas com destreza num *Navio Negreiro*?

Mas que vejo eu aí... Que quadro d’amarguras!

É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...

Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

Castro Alves, ele mesmo recitava seus poemas em saraus, praças, teatros, encontros de intelectuais, eventos abolicionistas. Seria a sua voz capaz de penetrar na musculatura dos ouvintes do Brasil Império?

Era um sonho dantesco... o tombadilho

Que das luzernas avermelha o brilho.

Em sangue a se banhar.

Tinir de ferros... estalar de açoite...

Legiões de homens negros como a noite,

Horrendos a dançar...

Figura 6. Castro Alves aos dezoito anos de idade, 1865.



FONTE: Flickr

Como foi, é ou será afetada a frequência do corpo vibrátil da sociedade brasileira escravocrata em 1868, em 2017 e em 2024? E segue o *Navio Negreiro*.

*Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!*

Sensibilizar. Mover. Redimensionar. Reinventar. Criar.

Precisaremos voltar no tempo. Entre o degredo e morte de Gregório de Matos e o nascimento de Castro Alves, o ritmo da colonização seguia de vento em popa.

Os bandeirantes paulistas encontraram ouro em Minas Gerais. O ano? 1695. Criaram uma rota do Rio de Janeiro para Minas para fiscalizar melhor as transações econômicas e evitar o saque do ouro. Em pouco tempo decidiram transferir a capital de Salvador, na Bahia, para o Rio de Janeiro. O ano? 1763. O ouro pede mais escravos. O tráfico aumenta. Mais e mais navios negreiros.

*E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.*

Assim também aumentam as lutas e as resistências dos povos escravizados e da população indígena. Povos que seguem sem se permitir serem subjugados. Foram muitas batalhas entre os anos 1600 e 1800, séculos XVII, XVIII e XIX.

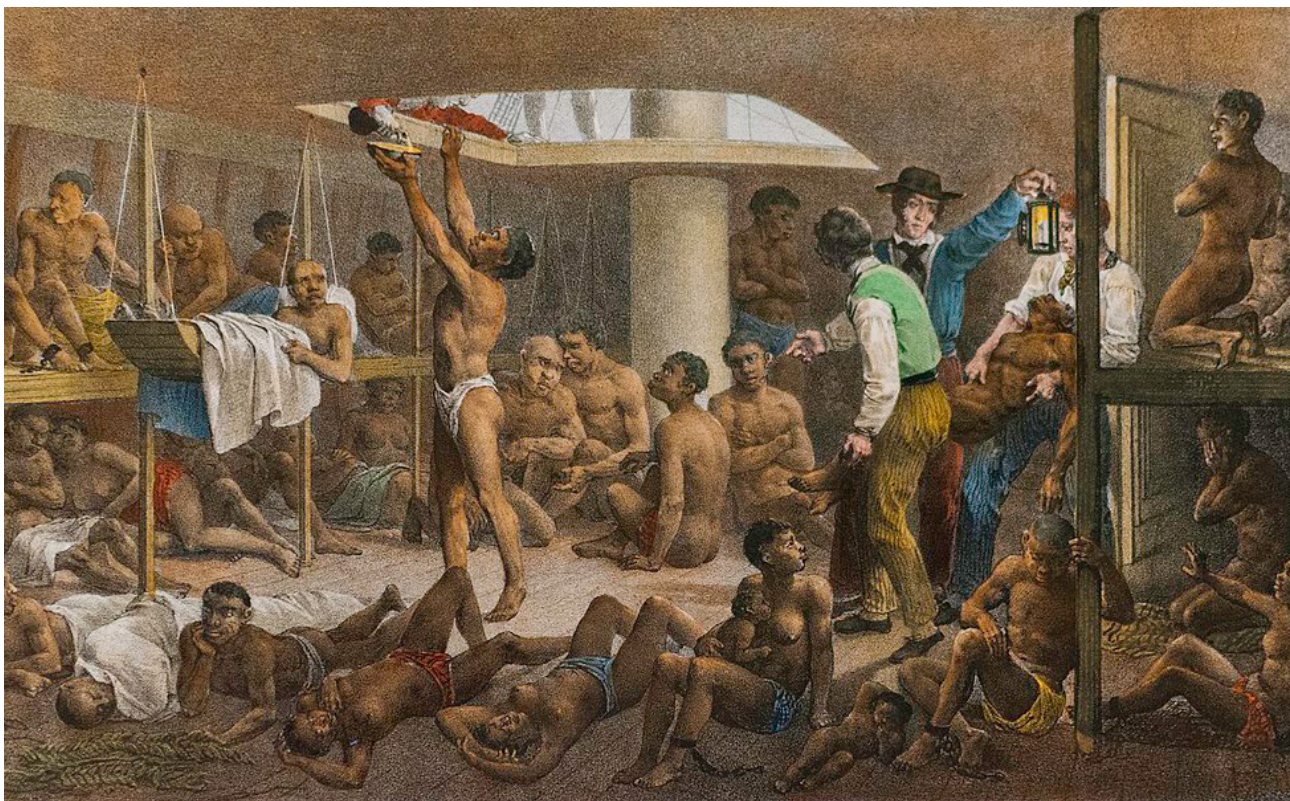
A classe que detinha o poder econômico também se mostrava descontente com a coroa portuguesa. A Inconfidência Mineira ergueu o caráter republicano e separatista, com o que se movia a elite socioeconômica das capitanias, diante da insatisfação com a política fiscal.

Vale lembrar que o Rei, a corte portuguesa e mesmo o Imperador, deixaram de dar real importância à educação. Trabalhavam intencionalmente contra a emancipação dos povos, mesmo dos brasileiros natos. Quando o Marquês de Pombal, o super ministro de Portugal, decidiu enfrentar a Igreja e expulsar os Jesuítas do Brasil, em 1759, foi dito e feito. Afinal, eles dominavam toda a rede de ensino da colônia. Um perigo!

Alguma semelhança com o Brasil do século XXI? Ora pois...

Um novo tipo de ensino se instalou. As escolas se tornaram laicas e passaram a funcionar com a autorização do governo através de Cartas Régias. A lei era: dou a quem eu quiser, doa a quem doer.

Figura 6. Navio Negreiro, Rugendas, 1830.



FONTE: Wikipedia

O Brasil colônia continuava culturalmente vinculado à Europa no sentido da estruturação do pensamento intelectual e filosófico. Os movimentos artísticos eram cultivados a partir de lá. A literatura, a música, as belas artes e o teatro seguiam o roteiro estético-ético branco-europeu indo do barroco ao arcadismo, do romantismo ao realismo.

Nossos artistas, em sua maioria, estudavam na Europa. Isso em nada impedia, ou até estimulava, que a vida aqui começasse a ganhar cor e cara própria. A cultura está entrelaçada na vivência, e é amálgama poderoso.

É sempre bom lembrar: Gregório de Matos já havia dado voz brasileira à língua portuguesa.

E sim, havia as lutas de resistência ameríndia. Sim, havia a revolta dos escravizados. Sim, havia a insatisfação da oligarquia com Portugal. Obviamente o descalabro da escravidão gritava aos olhos de todos daqui e do estrangeiro. Obviamente os movimentos políticos e sociais caminharam para a independência do Brasil de Portugal. Obviamente o grito proferido por Dom Pedro I de “Independência ou morte” às margens do Ipiranga, em 1822, vingou.

Quem pode esquecer esta narrativa heroica da nossa história? Slogan perfeito com self pictórica e tudo!

Quem sabe que de fato a independência do Brasil só se concretizou com a independência da Bahia? Ora pois... os conflitos com os portugueses iniciaram em fevereiro de 1822, se ampliaram após o 7 de setembro e só se encerraram quando os colonos capturaram Salvador, em 2 de julho de 1823.

É sempre bom lembrar a festa do caboclo celebrada todo dia 2 de julho nas ruas de Salvador! Êta festa bonita!

A estética movia-se a todo o vapor rumo às novas éticas do romantismo. Enxergou-se a terra que tem palmeiras e onde o sabiá canta como em nenhum outro lugar! A voz dos brancos-brasileiros era capaz de enaltecer os indígenas que se tornavam heróis nacionais. Salve Gonçalves Dias! Salve *O Guarani* e *Iracema*. Salve José de Alencar! É possível enxergar novos modos de pensar, de valorizar e desvalorizar aspectos da cultura e identificar os pontos por onde se movia o imaginário e a subjetividade da sociedade. O Romantismo aqui fez morada entre 1836 e 1881 e a pergunta que nasceria com Castro Alves em meio ao Brasil Império já estava semeada havia muito tempo.

Onde estás, Senhor Deus? Where are you? Deus?

Castro Alves integra a terceira geração do romantismo brasileiro, contundente na crítica social, com visão mais realista. Havia espaço para a reconstrução do passado histórico.

E as mulheres? Seguiam elas obedientes no enredo patriarcal da sociedade?

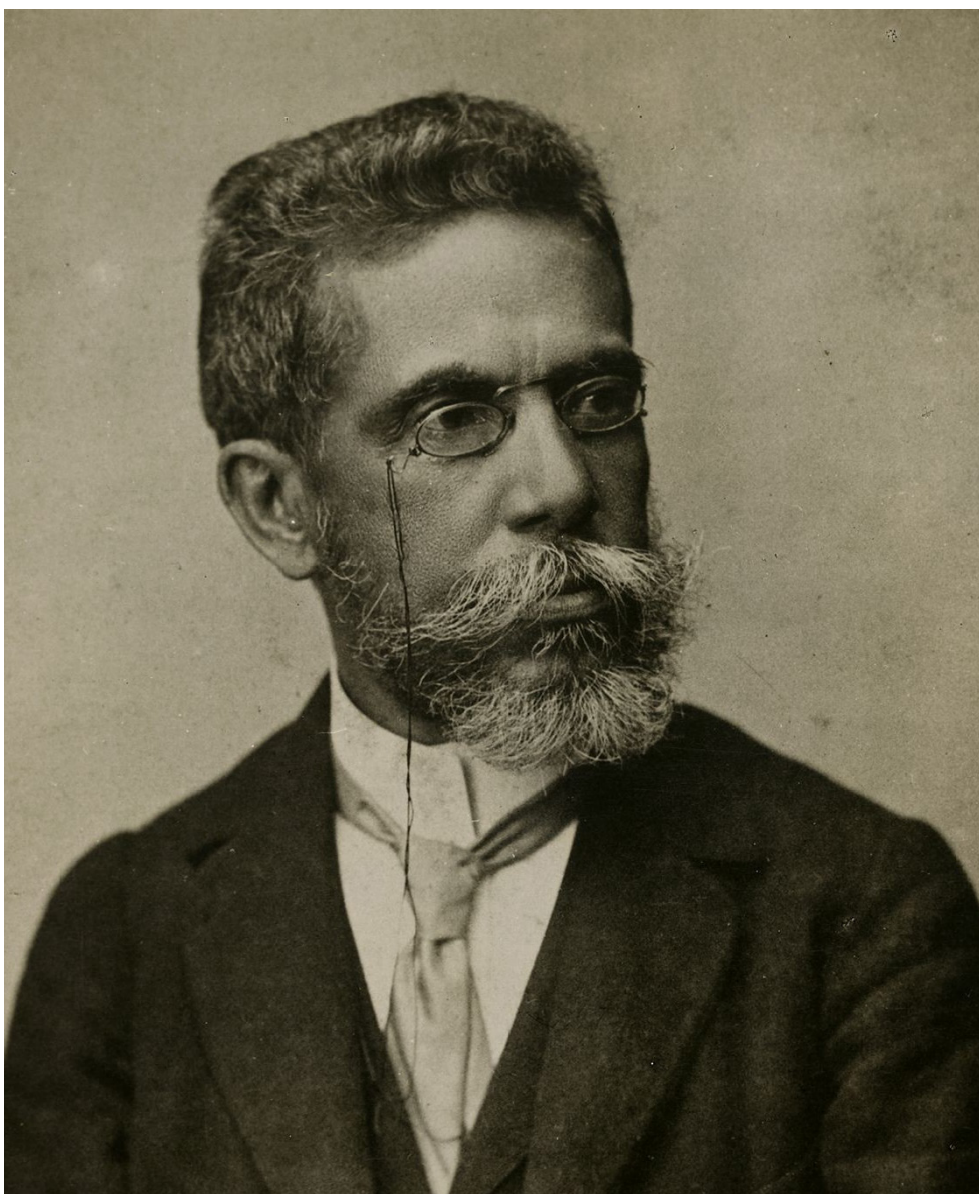
As questões sociais, foram sendo postas na roda de conversa, e as vozes dos poetas lutavam por liberdade e independência, criticavam os modos de poder, revelavam as formas de amar. Teciam sonhos. Uma sociedade que tentava se encontrar num conflito permanente entre o que vem de fora e o que povoa aqui dentro.

O romantismo que trazia Castro Alves nas qualidades de seu verso revelava a qualidade ímpar de um criador. Como erguia imagens com palavras tão bem combinadas em sensível rigor formal? Como acionava nos ouvintes estados emocionais tão viscerais?

Assim é *Navio Negreiro*, de Castro Alves.

*E voam mais e mais...
Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!*

Figura 7. Machado de Assis, aos 57 anos.



FONTE: Fundação Biblioteca Nacional

Como abrir espaço para a natureza criativa do artista se manifestar?

Castro Alves teve uma vida intensa, curta e breve. Morreu sem chegar a ver a abolição dos escravizados. Isso coube a seu contemporâneo Machado de Assis, oito anos mais velho que ele, outro gênio da literatura brasileira.

Machado presenciou os movimentos e as transformações do Brasil Império pela libertação dos escravos, em 1888, e pela Proclamação da República, em 1889. Teceu comentários. Escreveu críticas consistentes. Ironizou.

A história desses dois ícones da literatura brasileira revela os mundos existentes no Brasil da época, tão presentes nos dias de hoje.

Se Castro Alves era de família abastada e culta e tinha como avô materno o Major Silva Castro, herói das lutas pela Independência da Bahia e figura importante na história do sertão baiano, Machado de Assis, nascido no morro do Livramento no Rio de Janeiro era negro, neto de escravos alforriados. Muitos faziam questão de tratá-lo como mestiço, evitavam a palavra mulato. Nas selfs da época afinaram seu nariz e branquearam sua pele.

Se Castro Alves era cuidado pela mucama Leopoldina e tinha por pajem o filho da escravizada, que lhe contava as histórias e lendas do sertão, Machado de Assis trabalhou na padaria de Madame Guillot e, dizem, aprendeu a falar francês com um padeiro.

Enquanto Castro Alves, em 1858 estudou no Ginásio Baiano em Salvador e foi para Recife estudar Direito, Machado de Assis estudou com dificuldade, mal frequentou escolas públicas e nunca cursou uma faculdade. Foi um autodidata. Desenvolveu habilidades com a língua portuguesa. Conquistou um emprego na Tipografia da Imprensa Nacional. Apresentou-se a um grupo de escritores que se reunia numa livraria central no Rio e, com apenas 16 anos, publicou seu primeiro poema, *Um Anjo*. Tornou-se revisor e colaborador do jornal *A Marmota*. A partir daí, colaborou ininterruptamente com os principais jornais e revistas cariocas, publicando contos, crônicas e críticas. Aos 21 anos foi encarregado de escrever sobre os debates no Senado para o *Jornal do Rio* e assim, obrigado a refletir sobre a política e a vida social da época.

Ambos foram leitores assíduos da literatura europeia.

Figura 7. Proclamação da República, Benedito Calixto, 1893.



FONTE:Wikipedia

Castro Alves teve por maiores influências os escritores românticos Victor Hugo, Lord Byron, Lamartine, Alfred de Musset e Heinrich Heine. Machado de Assis, reza a lenda, quase foi demitido por ser pego lendo às escondidas na época em que trabalhava na tipografia.

Talvez um anjo tenha trazido Castro Alves ao Rio de Janeiro em 1867. Conheceram-se. Machado de Assis apresentou Castro Alves ao meio literário carioca. Castro Alves, a essa altura, cursava o terceiro ano do curso de Direito em São Paulo, na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. Lá convivia com os abolicionistas Luís Gama, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e reencontrou o colega do Ginásio Baiano, Ruy Barbosa. Lá adoeceu.

Quando Castro Alves faleceu, aos 24 anos, em 1871, em Salvador, Machado de Assis estava com 32 anos, havia se casado dois anos antes com a portuguesa Carolina Xavier de Novais, 4 anos mais velha que ele, e no ano seguinte publicou seu primeiro romance, *Ressurreição*.

Figura 5. Monumento de Machado de Assis na Academia Brasileira de Letras, RJ.



FONTE: Foto de Gabriel de Paiva

Carolina teve grande influência em sua vida. Culta, apresentou a Machado livros da literatura portuguesa e da literatura inglesa. Viveram juntos por 35 anos. Quando Carolina faleceu, Machado de Assis lhe dedicou estas palavras:

*Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.*

*Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs um mundo inteiro.*

*Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.*

As obras de Machado vão do romantismo ao realismo passando pela construção psicológica das personagens, como no romance *Dom Casmurro*. Quem se lembra da eterna pergunta suspensa no ar que invadiu as telenovelas brasileiras: Capitu traiu ou não Bentinho? Seus cenários são o Rio de Janeiro. Escreveu nas diversas linguagens. Teatro, prosa, verso, crônicas, contos, romances. Era ímpar sua capacidade para entrar em todas as atmosferas de uma narrativa. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é considerada uma obra prima da literatura mundial. Aliás, ele é considerado um dos grandes gênios da literatura ao lado de Dante, Shakespeare e Camões.

Machado de Assis teve uma vida dupla sendo literato e funcionário público. Assumiu cargos importantes no Brasil Império, passando pelo Ministério da Agricultura, do Comércio e das Obras Públicas.

Sua obra tecia a vida social e política da época com muita propriedade. Dentro do contexto do final do século do século XIX, seu penúltimo romance *Esau e Jacó* tem por pano de fundo a Proclamação da República, que ele ironicamente traduziu em uma placa de madeira da loja Confeitaria do Império. A placa estava apodrecida. O proprietário da loja foi convencido de que a placa precisava ser refeita. Então, encomendou ao pintor uma nova placa. Mas a proclamação da República estava “tipo sai não sai”. O proprietário, sem saber o que fazer, pediu ao pintor que interrompesse a pintura no “d...”. Nas entrelinhas, Machado de Assis ironicamente apontava para a República como uma ação de mudança para deixar tudo como estava.

Acaba aqui este trecho da nossa narrativa. Para seu desfecho escolhemos uma imagem icônica que abrirá as portas para o século XX. Crie seu cenário:

O dia é 20 de julho de 1897, inauguração da Academia Brasileira de Letras, com a presença de 16 acadêmicos, tendo um único negro, dito mulato, Machado de Assis, ocupando a cadeira número 23, cujo patrono é José de Alencar. Ele, Machado Assis é fundador e presidente daquela que seria a mais elevada instituição literária do Brasil.



Saiba mais!

Unidade 1 – Antes do séc. XX

Selecionamos este material que poderá contribuir para o entendimento do que é proposto aqui nessa unidade.

Suely Rolnik fala sobre a subjetividade na arte. Esse é um ponto importante quando pensamos arte na cultura. São trechos curtos que vale a pena capturar o que ela diz. Quem se interessar por mais informação poderá buscar a conferência completa.

- “Antropofagia Zumbi”, Suely Rolnik – parte 1
<https://www.youtube.com/watch?v=vil8cWpGsIc>

- Suely Rolnik “Antropofagia Zumbi” – parte 2
<https://www.youtube.com/watch?v=A7foT00UHYI>

Acreditamos que ter disponível para ler todos os romances de Machado de Assis pode ser um estímulo.

- Romances de Machado de Assis disponíveis em pdf:
<https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>

Nesta entrevista Fernando Haddad fala sobre a visão de Machado de Assis sobre a Proclamação da República e o fato dela ter sido feita em retaliação à abolição da escravidão.

- Caetano Veloso entrevista Fernando Haddad - Mídia Ninja: <https://www.youtube.com/watch?v=o40A74dVLvY>



Figura 8. "Abaporu", Tarsila do Amaral, 1928.
FONTE: Wikipedia

UNIDADE II

O SÉCULO XX E A TRAJETÓRIA DO MODERNISMO AO TROPICALISMO ENTRE DEMOCRACIAS E DITADURAS DO BRASIL REPÚBLICA

Entramos no século XX com muitas esperanças. Um país democrático. Livre da sina de ser colônia, livre do Império. Pertencente a quem mesmo? A si mesmo? Ao mundo? O mundo já se mostrava globalizado, será? Sim, a 1ª Guerra Mundial arrasava a Europa. A imprensa estava presente no Brasil, a luz elétrica estava chegando e o Partido Comunista do Brasil, fundado em março de 1922, também aparecia para questionar o capitalismo. E nós, só esperança, mesmo Machado de Assis tendo ironicamente pontuado que estávamos trocando uma monarquia constitucional por uma oligarquia absoluta.

Sim estávamos na República. Precisávamos alcançar a modernidade. E foi isso que o Movimento Modernista fez em 1922, ao propor a Semana da Arte Moderna com uma atitude que mostrava que nossa questão estava posta: Tupi or not Tupi. E os modernistas abriram as portas para sermos a pluralidade do que somos. Oswald de Andrade redesenhou erro do português, quiçá acometido por uma crise climática, escrevendo nos versos de *Erro de Português*:

*Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.*

E também assumiu uma nova gramática das relações sociais no poema *Pronominais*:

*Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro*

Oswald lançou um olhar para a língua portuguesa que deveria incluir a todas as camadas da população e todas as culturas. Lembrou ao capitalismo de onde vem a força do trabalho, pois que mal há em falar mió, pió, teia e teiado? Olha o que escreve em *Vício da Fala*:

*Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.*

Mário de Andrade, ao lado de Oswald, Tarsila do Amaral, Anita Mafalhti e Menotti Del Picchia, integrava o grupo dos cinco modernistas que puxava o carro chefe da empreitada da Semana de Arte Moderna. Ele era um estudioso que abarcava várias áreas de conhecimento, da literatura à música, da história à antropologia. Revelou a importância das culturas populares, que se manifestavam como folclore. Proporcionou estudos da música em várias dimensões e escreveu a obra prima *Macunaíma*, o *Herói sem Caráter*, personagem que saía da Amazônia e chegava a São Paulo. Sim, o Movimento Modernista se iniciou em São Paulo e se espalhou pelo Brasil.

Figura 9. Da esquerda para direita: Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.



FONTE: Wikimedia

Mas o fato de balançarem as estruturas do que era a chamada cultura de elite, para defender a cultura plural, mais ampla em suas linguagens e em seus vocabulários, provocou conflitos entre os artistas modernistas e os conservadores. Em 1917, Monteiro Lobato escreveu uma crítica ferrenha à Anita Mafaltti, sobre a mostra de seus quadros futuristas, cubistas, simbolistas. O escritor considerou que aquilo não era arte, mas apenas “uma atitude estética forçada”, escreveu no jornal O Estado de São Paulo, acrescentando: “Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de outros tantos ramos da arte caricatural”. Essa crítica é considerada como um dos principais fatores que desencadeou o movimento que culminou na Semana de 22.

Sim, as mulheres já se faziam presentes na cultura e nas artes, seguindo o que se passava no mundo com o movimento feminista. Já defendiam o direito de usar calça comprida. Já havia o movimento sufragista, que resultou na conquista do direito de voto em 1932. E Tarsila do Amaral pintava sem pudores as cores vibrantes dos trópicos, a pele negra, a vegetação do Nordeste, e ampliava o olhar das escolhas num desenho distante do realismo.

Na outra ponta Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira urbanizavam o baião. Na noite carioca Ernesto Nazaré era pianista no cinema Odeon. Muita coisa estava acontecendo por todo o Brasil. O rádio tocava Ernesto Nazaré, Pixinguinha, Noel Rosa, Lamartine Babo. Carmem Miranda. A arte ocupava espaços.

E o Brasil ia a todo vapor.

Mas é aqui, exatamente no começo do século XX, exatamente no ano de 1900 que nasceu uma das personagens que gostaríamos de destacar para pensarmos a missão do agente cultural. Dia 12 de julho, em Caetité, Bahia, Anísio Teixeira veio ao mundo e na Semana de 22 estava em São Paulo, estudando Direito. Filho de família abastada, Anísio desempenhou um papel na cultura brasileira que poucos sabem a dimensão de seu valor. Assim que se formou, aos 24 anos, voltou para Salvador, onde passou a ocupar o cargo de Secretário de Educação e Saúde do Estado. E aí começa o desenvolvimento de sua real vocação.

Ele é conhecido como grande educador, mas o que nos faz trazê-lo para cá onde conversamos sobre os movimentos e momentos das culturas brasileiras? É sua visão democrática de sociedade e de desenvolvimento humano.

Para Anísio, só era possível haver desenvolvimento se houvesse educação para todos de modo igualitário. Lembra que a Coroa Portuguesa, e mesmo o Império pouca importância deram à educação das classes populares? E que mesmo na República Velha, que se segue, nenhum movimento veemente foi feito em prol de garantir que a população pudesse estudar? Os escravizados foram libertos, mas a eles em nada foi garantido acesso à educação, ao trabalho e à integração na sociedade.

Certamente, Anísio louvava a República e o direito à liberdade e ao poder que emana do povo. Pois em 1925, conheceu os princípios pedagógicos de John Dewey, que considerava exatamente isso e mais, para a sociedade se desenvolver, os indivíduos precisam seguir um modo de aprender que seja pela experiência. É preciso ir para além da formação instrumental da leitura, da escrita e do fazer contas da Matemática. Era preciso se desenvolver no sentido amplo da crítica, da percepção do que se passava a sua volta, da cultura, da filosofia, da arte, e da ciência. E mais que isso, era necessário que fosse oferecido para toda a população sem distinção. Foi ele quem estruturou o ensino público da forma que praticamos ainda hoje.

Em 1930, foi chamado para ocupar o cargo de diretor-geral de Instrução Pública do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Então, chegaremos no primeiro passo transformador de sua ação. Ele convida para ensinar crianças do ensino básico e cuidar da área de artes, nada mais nada menos que o maestro Heitor Villa Lobos. Nas palavras do próprio Anísio presentes no livro *Anísio Teixeira e a Cultura*, escrito por João Augusto de Lima Rocha:

O que foram aqueles quatro anos não é fácil de contar. Villa Lobos fez-se o educador de professores e crianças. Na realidade, o educador do povo. Ensinou música e canto coral a quem jamais tivera qualquer iniciação musical. Fez-se, ele próprio, o maestro e condutor de coros infantis, de coros de adolescentes e de coros de professores primários. Escrevia as composições e ele próprio as ensinava e conduzia, com os arrebatamentos de um gênio e a paciência e a humildade de um mestre-escola.

Conseguem imaginar o que isso representa? Uma difusão sem precedentes dos estudos da música, que ia para além da erudita, saía em busca das raízes brasileiras, como o próprio Villa Lobos já definia. Enquanto isso acontecia na base da formação cultural das crianças, Anísio criou a Universidade do Distrito Federal do Brasil, cujo princípio era promover a pesquisa. Entendia que o Brasil para se tornar de fato independente e desenvolvido precisaria produzir suas próprias investigações científicas e mais que isso, trabalhar de modo que essas pesquisas se dessem num plano desinteressado. Mas o que é uma pesquisa desinteressada? Segundo Anísio, é aquela que está livre para seguir os impulsos que emanam da sociedade, dos indivíduos em suas pulsões, no aflorar de ideias, percepções e sensações a partir de encontros e interações, sem objetivos meramente comerciais. Com a missão de encontrar professores que pudessem viabilizar esse tipo de curso enviou Afrânio Peixoto para passar dois anos estudando na Europa.

Em 1935, conseguiu fundar a Universidade do Distrito Federal (UDF), no Rio de Janeiro, com renomados professores garantindo a pesquisa em amplas áreas da Ciência, Filosofia, Arte e Cultura. Porém, dois anos depois, com a opressão imposta pela Era Vargas, foi perseguido e se retirou de cena, para morar novamente em Caetité. Sua semente germinou, mesmo com o Ministro Gustavo Capanema Filho tendo desvirtuado os princípios moventes da UDF ao incorporá-la a URJ. Anos depois, ao fim da 2ª Guerra Mundial e terminada ditadura do Estado Novo, de Getúlio Vargas, em 1946, a Unesco, órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU) convocou o intelectual Anísio Teixeira para torna-se conselheiro geral na área de cultura.

Também foi nos anos 30, que através de Anísio Teixeira o pensamento sobre o ensino público se desenvolveu. O Estado deveria garantir Educação de qualidade para todos, sem distinção entre as classes sociais e sem distinção de gênero. É importante lembrar que o direito à educação para a mulher e para os escravizados por muito tempo foi negado. É dele a afirmação estampada na home page da Biblioteca Virtual Anísio Teixeira:

Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a da escola pública.

Então, vamos tecer aqui uma revolução que acontece na Bahia e que acaba por atingir todo o Brasil. Quando se volta à normalidade democrática, o governador da Bahia chama novamente Anísio Teixeira para a Secretaria de Saúde e Educação e por isso, escolhemos este exemplo entre tantos outros, para evidenciar a importância do agente cultural na gestão pública.

Anísio cria, em 1948, a Escola Parque, na Liberdade, em Salvador, bairro de população negra e pobre, onde mais tarde surgiu o bloco Ile Ayê. O que era essa escola? Ela representava um novo modelo de estrutura e de ensino, que seria replicado nos projetos propostos por Darcy Ribeiro com os Centros Integrados de Educação Pública, os CIEPS criados no governo do Rio de Janeiro por

Figura 10. Anísio Teixeira (segundo à esquerda) em visita a exposição realizada na Escola Parque de Salvador, em 1952.



FONTE: Fundação Anísio Teixeira

Leonel Brizola, e por Marta Suplicy em São Paulo, com os Centro Educacionais Unificados, os CEUs, com uma nova arquitetura capaz de incluir as aulas-classe e as aulas-parque. O que é exatamente isso? Espaço para o ensino em horário integral, com aulas de Arte em todas as linguagens, dança, teatro, música, artes visuais e o jovem cinema. Aulas de técnicas industriais, agrárias, contabilidade e outros ofícios. Pronto, o prato estava feito.

Anísio considerava que o Brasil precisava sair da era do autodidatismo uma vez que este se dava pela leitura de livros e que no livro o saber, de certa forma, está posto. Era preciso promover a experiência direta. Este movimento iria gerar novos saberes pela dinâmica do encontro, da troca, da inventividade, da criação, da cultura. A arte no papel do desenvolvimento, e na criação do território que estimula a subjetividade.

Chamou artistas para serem professores. Esses deveriam ensinar a partir do fazer e do produzir arte. Eram concertos, coreografias, livros sendo escritos e muito mais. Festivais e encontros. Tudo isso para a juventude. Sim, foi Anísio quem oficializou que o ensino se dividiria entre básico, médio e superior distribuindo a sua responsabilidade entre Município, Estado e Federação.

Nesse período aparece a outra personagem importante nesse contexto que queremos evidenciar aqui. Trata-se de Edgar Santos, o médico educador que realizou a integração das faculdades existentes em Salvador, criando, em 1946, a Universidade da Bahia (UBA), que também por meio de Edgar, tornou-se a Universidade Federal da Bahia, UFBA. Edgar Santos era homem muito influente e transitava bem entre os políticos e a elite econômica do Estado da Bahia. Era amigo de Anísio e, certamente, concordavam com os princípios da Arte, Cultura, Ciência e Filosofia, como eixo do desenvolvimento do conhecimento, do saber e da pesquisa desinteressada. Edgar Santos realizou a implementação na UBA do eixo Artes, Letras, Humanidades e Ciências, criando as três escolas: Dança (1954), Teatro (1956) e Música (1956) e incorporando a Escola de Belas Artes que já existia em Salvador. Fez isso chamando para participar como professores artistas altamente qualificados em suas áreas, tanto daqui quanto do exterior. Foi assim que a Escola de Dança passou a ser dirigida pela bailarina Yanka Rudzka e tendo como professores Rolf Gelewski, Clyde Morgan, Angel Vianna e Klaus Vianna. No Teatro, assumiu Martim Gonçalves, tendo com professor Gianni Rato, entre outros e, na Música assumiram Hans-Joachim Kollreuter e Walter Smetak.

A missão desses professores era fazer arte. O aprendizado, lembra? Se dava pela vivência e pela experiência. Foi um período rico de concertos, de encenações de peças e festivais de dança. E quem frequentava esse ambiente cultural proposto pela Escola Parque e pela UBA? Gilberto Gil, Caetano Veloso, Glauber Rocha, Capinan, Tom Zé, Wally Salomão. Eis aqui o pensamento plural com a régua e o compasso.

E enquanto Anísio Teixeira e Edgar Santos reviravam a Bahia, no Rio surgia o Cinema Novo, por Glauber Rocha e a Bossa Nova, pelas mãos de João Gilberto, ambos baianos. Olha que coisa mais linda... um cantinho um violão... esse amor uma canção pra se fazer feliz a quem se ama. Um novo som penetrava nos ouvidos inebriados do mundo todo. A equação se inverte: não importamos mais arte, Exportamos!

A TV. Os programas de auditório. As novelas. O cinema Vera Cruz com Mazaropi. O Brasil e o mundo entram em novo ritmo. Uma prévia da globalização. Carmem Miranda americanizada. Elvis Presley, Beatles, Rolling Stones fazendo shows em outros continentes. Os festivais com a Jovem Guarda.

Figura 10. Caetano Veloso no III Festival da Música Popular.



A Tropicália conseguiu fazer uma mudança substancial dos costumes. Era e foi mais que simplesmente se aliar e disseminar a filosofia hippie. Devorando o outro, eles se abriram para a cultura de massa e segundo a psicanalista Suely Rolnik, conseguiram realizar uma “antropofagia de grande hibridização”, ou seja, fizeram a mistura e confirmaram o que Oswald previa: “A massa ainda comerá o biscoito fino que fabrico”. E, mesmo sob ataques da ditadura militar que se impunha, seguiram “caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento”. Repetiam em coro a canção de Caetano, que também anunciava em *Superbacana*:

*Copacabana me engana
Esconde o superamendoim
O espinafre, o biotônico
O comando do avião supersônico
Do parque eletrônico
Do poder atômico
Do avanço econômico*

*A moeda número um do Tio Patinhas não é minha
Um batalhão de cowboys
Barra a entrada da legião de super-heróis*

*E eu Superbacana
Vou sonhando até explodir colorido
No sol, nos cinco sentidos
Nada no bolso ou nas mãos*

Os festivais da canção são um sucesso geral. Audiência total. É quando chega o momento mais radical da ditadura, com o AI5, e a maioria desses artistas vai para o exílio. Todos os que estavam revolucionando a Cultura, os modos de ver, ser e estar no Brasil.

Sim, porque a Tropicália mexeu nos costumes, repetindo o refrão é proibido proibir. Os artistas se aliaram ao movimento da juventude francesa querendo cada vez mais liberdade.

Figura 10. Acrobatas da Intrépida Trupe em participação especial no desfile da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, em 2010.



FONTE: Wikipedia

“Brasil ame-o ou deixe-o”, o lema da ditadura é transformado pelo poeta Gilberto Gil numa atitude amorosamente antropófaga em *O Seu Amor*:

*O seu amor
Ame-o e deixe-o
Livre para amar, ir onde quiser, ser o que ele é.
O seu amor ame-o e deixe-o dormir em paz*

E tem a vontade louca de voltar, composta por Paulo Diniz:

*I dont want stay here I wanna to go back to bahia
Eu tenho andado tão só
Quem me olha nem me vê
Silêncio em meu violão
Nem eu mesmo sei porque*

*Via Intel site manda notícias minhas para o Pasquim
Cadê o meu sol dourado cadê as cores do meu país*

E tem Chico Buarque escrevendo para o teatro e sendo exilado com sua canção
Roda Viva:

*A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a roseira pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração*

Se uma parcela dos artistas contestadores e revolucionários foi exilada, uma outra ficou aqui resistindo e mantendo acesa a chama da vida. Gal Costa foi uma dessas vozes da resistência. No Recife, em Pernambuco, no ano de 1970, Ariano Suassuna ergue o Movimento Armorial e faz uma fusão da música erudita com a música de cordel, do trovador e da tradicional música popular brasileira.

Até o retorno das eleições diretas, em 1985, passamos por seis presidentes militares em 21 anos de ditadura militar.

A poesia concreta se fazia presente

E no teatro nasce uma potência, o Oficina, em São Paulo, com José Celso Martinez Correa.

A Arte está para além do tempo. No que se refere à Arte como captura das forças ainda sem forma há um exemplo primoroso: a obra *o Rei da Vela*, de Oswald de Andrade. Oswald era um dos mais irreverentes modernistas, sua linguagem, sua desenvoltura, sua qualidade provocativa ante ao poder estabelecido afluíam.

Então em 1933, ele escreveu uma peça que nunca foi encenada na época do modernismo. Ficou na prateleira. Mas o tempo é circular, gostava de afirmar a arquiteta Lina Bo Bardi e assim, em 1967, *Zé Celso* rompe com o descaso à obra e o *Rei da Vela* é encenado pela primeira vez.

Nova revolução no teatro brasileiro. *Zé* é fisgado pela força da identidade e da vocalidade nacional. O Brasil de o *Rei da Vela*, em sua forma e linguagem, traduzia nossa cultura antropofágica. Numa história em que se discute a disputa do poder junto à classe trabalhadora, de modo a colocar a intentona comunista também em cheque, e deflagrar a arrogância do poder. Trazer para a cena as mazelas da classe podre e da classe pobre, faz jus ao que estampa no resto de suas obras, com linguagem cênica irreverente e despudorada, recheada dos princípios do prazer e da benção de Dionysio, com o sentido carnavalesco que acompanha a alma brasileira, da dor e do prazer, da verdade na cara, da provocação desmedida e do amor incontestado, como regente do princípio de criação. A liberdade levada ao topo de sua potencialidade. Isso vem com Oswald e o Teatro Oficina. Está criada a tragycomediaorgy!

A tecnologia abriu suas asas na segunda metade do Século XX e a televisão foi se expandido pelo interior do Brasil, fazendo o papel dos jesuítas de 1500, tomando conta de tudo, padronizando a Cultura.

Enquanto isso Caetano desconstrói o Brasil com sua canção *Língua*:

*Flor do laço sambódromo
lusa américa latim em pó
o que quer o que pode essa língua.*

*Gosto de sentir a minha língua
roçar a língua de Luís de Camões
gosto de ser e de estar*

*Deixem os portugueses morrerem à mingua
minha pátria é minha língua fala mangueira.*

Para finalizar o Século XX alçamos a imagem da síntese antropófaga feita por Gil e Caetano, em 1968, da bandeira do Brasil, como que habitada pela essência desse país pluricultural, na voz dos Mutantes com Rita Lee, guitarras e atabaques:

Batmacumba iêiê batmacumbaoba

Batmacumba iêiê batmacumbao

Batmacumba iêiê batmacumba

Batmacumba iêiê batmacum

Batmacumba iêiê batman

Batmacumba iêiê bat

Batmacumba iêiê ba

Batmacumba iêiê

Batmacumba iê

Batmacumba

Batmacum

Batman

Bat

Ba

Bat

Batman

Batmacum

Batmacumba

Batmacumba iê

Batmacumba iêiê

Batmacumba iêiê ba

Batmacumba iêiê bat

Batmacumba iêiê batman

Batmacumba iêiê batmacum

Batmacumba iêiê batmacumba

Batmacumba iêiê batmacumbao

Batmacumba iêiê batmacumbaoba

(Batmacumba, Caetano Veloso e Gilberto Gil, 1968)



Saiba mais!

Unidade 2 – Sec. XX

Sugerimos uma navegada por estes sites. Certamente ficará mais evidente o que conversamos por aqui. Divirta-se.

- “Antropofagia Zumbi”, por Suely Rolnik – parte 3 – Sobre o Tropicalismo:

<https://www.youtube.com/watch?v=0UBJ9KWisaQ>

- Biblioteca Virtual Anísio Teixeira

Home Page: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/>

“A Escola Parque da Bahia - Experiência pedagógica pioneira no Brasil” - Obra de projeção internacional

<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/livro11/pagina33.htm>

- Arte na Bahia em “Cuíca de Santo Amaro” – Sobre o papel de Edgar Santos e Anísio Teixeira na vanguarda de arte na Bahia.

<https://www.youtube.com/watch?v=Ih7Y5u21XEU>

- A trajetória de Tarsila do Amaral - YouTube-Metrópolis-16 de mar. de 2018

<https://www.youtube.com/watch?v=0vWwEQeKTEw>

- Caminhos da Reportagem - Portinari, um retrato do Brasil

<https://www.youtube.com/live/09LQT2XFdVI>

- Anita Malfatti - 100 anos de Arte Moderna

<https://www.youtube.com/watch?v=mjr2jk9tiLk>

- Documentário “O nome dela é Gal”, dirigido por Dandara Ferreira:

1º: <https://www.youtube.com/watch?v=36ljZVnnvv8>

2º: https://www.youtube.com/watch?v=XJCAI64T8_U

3º: <https://www.youtube.com/watch?v=W7fIPoXqBjg>



Figura 11. Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sobe a rampa do planalto acompanhado de representantes do povo brasileiro.

FONTE: Wikipedia

UNIDADE III

O SÉCULO XXI E A CONTEMPORANEIDADE DIANTE DOS MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS

O branco inventou que o negro quando não suja na entrada
Vai sujar na saída, ê... Imagina só...
Que mentira danada, ê... Iô, iô, iô...
Na verdade, a mão escrava passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê... Imagina só...
O que o negro penava, ê... Iô, iô, iô...

Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão de quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão, é a mão da pureza
Negra é a vida consumida ao pé do fogão
Negra é a mão nos preparando a mesa
Limpando as manchas do mundo com água e sabão
Negra é a mão de imaculada nobreza

Na verdade, a mão escrava passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê... Imagina só...
O que o negro penava, ê... Iô, iô, iô...
Eta, branco sujão... Iê, iê, iê... Iô, iô, iô,

(A Mão da Limpeza, Gilberto Gil)

O século XXI começa com o fim do segundo mandato do presidente sociólogo Fernando Henrique Cardoso. A vitória do operário Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais de 2002, e a ida de Gilberto Gil (2003-2008) e Juca Ferreira (2008-2010) para o Ministério da Cultura, retomam um período de grandes conquistas para o setor cultural nacional, com a criação e execução de projetos estruturantes, destinados a mudar a forma como o país cria, produz e consome sua Arte e Cultura.

Mas o que pode e o que faz um tropicalista negro no Ministério da Cultura? Exerce a democracia em sua máxima potência e com muito sabor! O artista de experiência vasta em todos os campos da arte, de pensamento inclusivo e investigativo, de natureza aberta em pleno exercício da bondade e da paz. Um Filho de Gandhi, assumindo um lugar de Poder de Estado, um poder fortemente simbólico. Gilberto Gil torna-se a parte da molécula que diz sim a outra molécula e daí nasce a vida.

Gil é destemido. Ousou e conseguiu descentralizar a Cultura do eixo Rio-São Paulo. Ele também fez o Brasil olhar para dentro de si. Mexeu nas entranhas para revelar a Arte em todo lugar: de norte ao sul, de leste à oeste. Trouxe para o centro da cena quilombolas, ribeirinhos, indígenas, LGBTQIAPN+, pessoas cis e transgêneras, mulheres, negros, periféricos. Muitos ainda reclamam a perda dos privilégios, mas não de se acostumar.

Ambientalista, conectado e comprometido com o planeta, Gilberto Gil era tudo o que o Ministério da Cultura precisava no início do novo milênio. Suas ações como gestor cultural são voltadas para o diálogo entre os fazedores de cultura de todos os cantos, salvaguardando suas identidades, estimulando suas referências; buscou alfabetizar o analfabeto nas linguagens e nos sistemas operacionais digitais de relação com o governo, compartilhando a régua e o compasso para que todos pudessem participar da sociedade contemporânea num pé de igualdade; abriu espaço para as tradições e criações das culturas locais, hoje os tão impactantes territórios criativos; as companhias teatrais foram incentivadas a circular pelo país; o cinema voltou a ter recursos e a produzir, com os cineastas e atores reconhecidos internacionalmente. A cidade do Recife, no Nordeste brasileiro, tornou-se um polo criativo e referência para o cinema nacional e para as artes digitais.

E viva os coletivos! Mudanças acontecem. Os até então invisibilizados se dão as mãos e saem para as ruas expondo a criatividade e as obras nascidas de seus guetos, morros, favelas, ocupações, comunidades!

A vida pulsa e o Teatro Negro encontra seu espaço de reconhecimento. Observe o que se passou na Bahia.

O diretor teatral branco Márcio Meirelles reuniu jovens talentos pretos e pardos no Bando de Teatro Olodum, pelas beiras, bairros, comunidades de Salvador e da Bahia, outros também se movimentavam e se uniam.

O Teatro Negro na Bahia sempre esteve vivo e conquista mais e mais espaço inspira o surgimento de novos artistas e se movimenta, se explica e se expande. Numa definição elaborada pela pesquisadora Evani Tavares Lima,

Teatro Negro é o conjunto de manifestações espetaculares negromestiças, originadas na Diáspora, que lança mão do repertório cultural e estético de matriz africana, como meio de expressão, recuperação, resistência e afirmação da cultura negra.

O primeiro ator negro baiano que se tem registro é Xisto Bahia (1841-1894) também dramaturgo, cantor e compositor. Nos anos de 1950, Mário Gusmão, primeiro ator negro formado na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, torna-se referência de reconhecimento do talento do ator negro. Com forte presença, participa de todos os acontecimentos da sua época: a contracultura, o Cinema Novo, a Tropicália, os atos contra a ditadura, a abertura política, o início do movimento negro organizado, a aproximação cultural do Brasil com as artes africanas, a dança moderna baiana, a criação dos blocos afros da Bahia. Ele certamente abriu alas para a chegada de artistas talentosos como Márcia Lima, Mônica Santana, Onisajé, Aldri Anunciação, entre outros que continuam chegando.

A política proposta por Gil estrategicamente se alinha à importância de investir e favorecer os coletivos artísticos em todas as áreas. Cultura Viva, Pontos de Cultura, grupos de teatro, coletivos artísticos diversos. Todo mundo pode e faz Arte! Só mesmo um pensador cósmico para se atrever a tudo isso e por quê? Talvez a resposta esteja na quebra do paradigma, quando um homem sindicalista e sem formação universitária foi alçado ao poder.

Os coletivos se tornam gestores de suas ações artísticas e de natureza cultural. Aliás uma das decisões-chaves do novo Ministério da Cultura foi exatamente trabalhar com a noção ampliada de cultura e considerar a Arte um dos seus componentes.

No conceito expandido de Cultura está tudo aquilo que faz o povo de determinada comunidade se identificar. Hábitos, costumes, crenças, ciência, filosofia, meio ambiente, saberes e valores que lhes integram enquanto indivíduos e comunidades. A Arte é um dos elementos da cultura, um modo de expressão e manifestação de tudo isso, mas com o diferencial de dar vida à expressão poética da comunidade capaz de promover a sua reinvenção simbólica.

Figura 11. Espetáculo O Castelo da Torre com o Grupo Vila Vox, sob direção de Meran Vargens



FONTE: Jornal Valença Agora

Oxente! Os artistas colocaram o pé na estrada, subiram aos palcos, pintaram muros, paredes, invadiram galerias, organizaram seus próprios eventos artísticos. Nasceu uma nova geração de criadores e fazedores de Arte e Cultura. O cinema nacional ganhou novo ritmo: Lavoura Arcaica, de Luís Fernando Carvalho; Cidade de Deus, de Fernando Meirelles; Cinema, Aspirina e Urubus, de Marcelo Gomes; O Som ao Redor e Bacurau, ambos de Kleber Mendonça Filho; Jonas e o Circo, de Paula Gomes; Medida Provisória, de Lázaro Ramos; Auto da Compadecida 2, de Guel Arraes e Flávia Lacerda.

Na Bahia, o diretor teatral Marcio Meirelles incomodou os acomodados com a “política de balcão” que reinava, especialmente em Salvador, ao tornar-se Secretário Estadual de Cultura, em 2007. Muita gente da cena soteropolitana ficou decepcionada com o seu projeto. Esperavam uma atenção especial para a classe. O que aconteceu foi artistas do interior da Bahia dividindo a cena com artistas da capital. Grupos criando intercambio e turnês pelo estado. Marcio ofereceu sua experiência ao projeto desenhado pelo Ministério da Cultura.

Este artista gestor, que no fim do Século XX chamou a si e ao seu grupo a missão de reerguer o histórico Teatro Vila Velha, em Salvador, também foi aquele que deu visibilidade aos artistas negros de forma coletiva, ao criar o Bando de Teatro Olodum, que reunia, em sua ampla maioria, os jovens pretos, periféricos, pobres. Realizaram viagens internacionais, montagens históricas e turnês memoráveis como a apresentação no teatro Municipal do Rio de Janeiro no Festival Carlton Dance. O teatro baiano jamais seria o mesmo novamente. Alegria! A Bahia de dentro, do interior, do sertão, dos mares do sul e do oeste circulava, se via, se reconhecia e se distinguia. Arte inclusiva.

A meta prioritária de Márcio era a construção de um Sistema Estadual de Cultura para a Bahia, de modo que a Cultura fosse definitivamente tida como uma política de Estado, tratada em sua especificidade e compreendida como central no desenvolvimento do Estado e municípios. Durante o período de 2007 a 2010, apenas no segmento de teatro foram realizados, pela gestão de Meirelles, 21 encontros setoriais, sendo quatro na capital e 17 no interior.

E agora, o sonho acabou?

Transformações sociais incomodam e no troca-troca político, a Cultura foi a primeira a sofrer. No governo de Dilma Rousseff, ocuparam o cargo as

ministras Ana de Hollanda (2011-2012) e Marta Suplicy (2012-2014) cujas gestões foram marcadas pela instabilidade no andamento da continuidade da maioria de programas e projetos estruturados nas gestões Gil e Juca e surgiram lacunas na adoção de uma política de acolhimento para as artes e artistas, que superasse a dependência destes às leis de incentivo. A velha e conhecida descontinuidade.

Com o golpe parlamentar, nomeado por Zé Celso como “Golpimpeachment”, em 31 de agosto de 2016, a Democracia e a Cultura mergulharam num processo de destruição ao longo de sete anos enfrentando o ultra neoliberalismo, com seus autoritarismos numa guerra cultural travada até os dias atuais, na qual as culturas identitárias e da periferia do Brasil se transformam em trincheiras de luta e resistência. Estão na ativa Mano Brown, Emicida, Criolo, Annita, Pablo Vittar, Xande de Pilares e muitos outros!

Ah! Saudemos novamente aqueles que pensaram o Brasil para todos. Eles produziram os instrumentos para que a banda seguisse tocando, mesmo na adversidade.

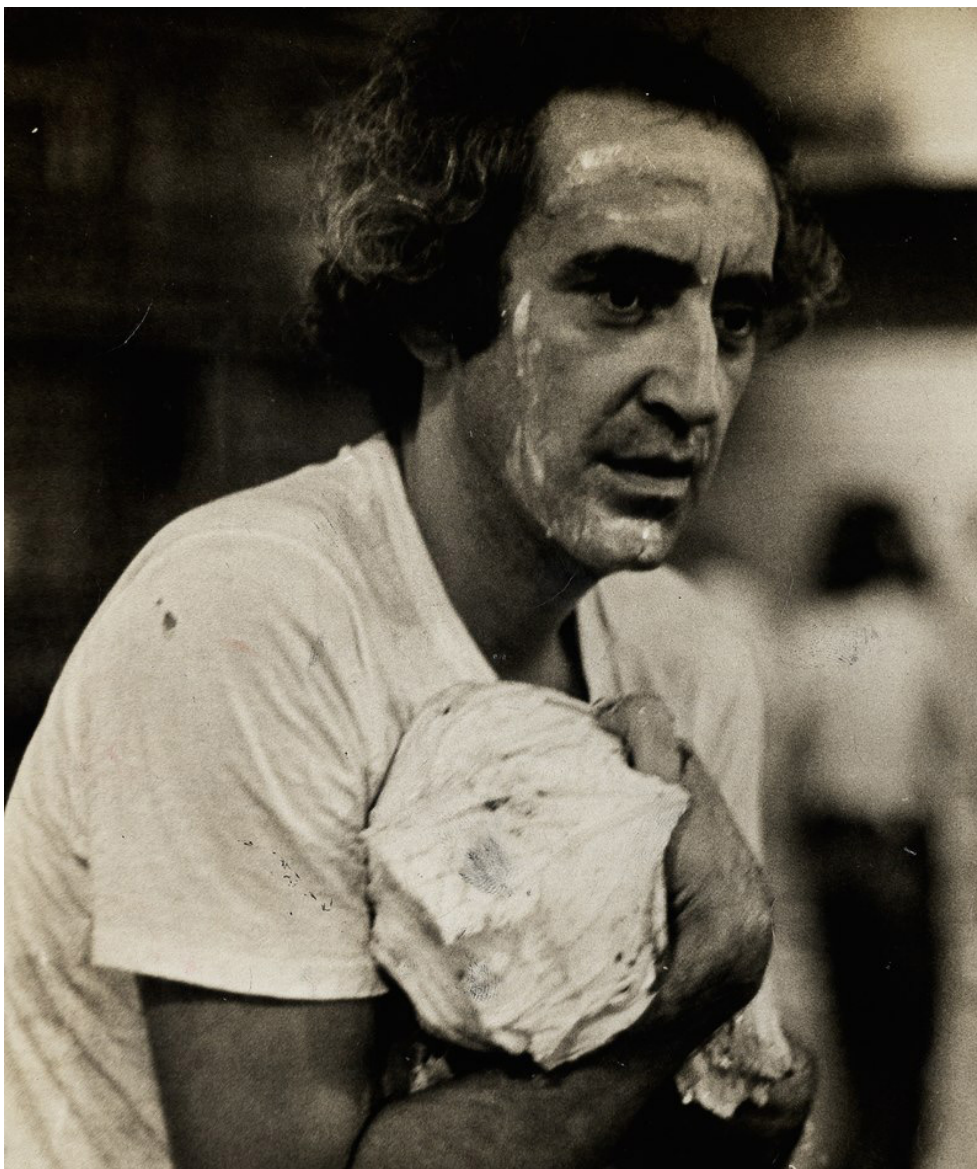
Foram anos difíceis. Tentaram sufocar o grito dos desvalidos, mas sobrevivemos. Resistência ou re-existência, como dizia Zé Celso, tornou-se a palavra de ordem no meio cultural. E isso porque mantém-se o estado de prontidão, num contínuo exercício da Democracia, na prática, na experiência viva e real. Ninguém mais quer voltar para seus quartos fechados e sem janelas. Diversidade, pluralidade, território, pertencimento, identidade e identificação cultural são as novas palavras do Século XXI, nas artes, nas culturas, nas comunidades de todos os gêneros, idades, raças. A monocultura perde espaço. A rede se espalha e forma a teia que se movimenta para todos os lados.

Gil e Fernando Haddad, então Ministro da Educação, criaram uma potência na pulsão de vida. Sem a atuação deles no início do século e do milênio seria possível enfrentar a tentativa de destruição de nossa subjetividade durante os governos pós golpe parlamentar?

E vamos passando por lutas que continuam e fazem parte da vida.

E vamos afirmando e afinando o passo no compasso.

Figura 12. José Celso Martinez Corrêa, 1972.



FONTE: Wikipedia

Emicida trouxe de volta Belchior num entendimento amplo de nosso direito à vida: “Ano passado eu morri, mas este ano eu não morro”.

No dia 17 de agosto de 2024 morreu Silvio Santos, o anti-Oficina, o anti-Bixiga, o anti-comunidade regida pelo afeto e pela arte. Seu oponente, o multi artista Zé Celso entendia a cultura como expoente da prosperidade de uma comunidade. O projeto Parque do Bixiga criado pelo Teatro Oficina seguirá em sua labuta carregando os ensinamentos vivos do Zé. Sim, ele pariu uma geração de artistas

Figura 13. Ailton Krenak, líder indígena, ativista socioambiental e escritor.



FONTE: Academia Brasileira de Letras

da cena, que imediatamente absorvia as informações vindas de todas as regiões do planeta para se materializar em obras de artes cênicas e ao vivo. Para ele, o poder da presença era o fator mais importante no teatro. Nada de representar, vamos incorporar!

Zé, era um conciliador de camadas míticas do desenvolvimento do pensamento artístico cultural do Brasil, um antropófago nato, que entendeu Oswald para

além daquela que seria uma obra prima do teatro, a peça *O Rei da Vela*. Com a equipe di-amantes do Oficina, fez o impensável, transformou o *Manifesto Antropófago* na peça *Macumba Antropófaga*. Afinal, para ele, “só interessa o que é do outro, só interessa o que não é meu”. Sua obra resgata desde o que há de fortemente imposto pelas culturas europeias, com o que aqui está posto. É assim que, apenas citando montagens do Século XXI, temos *Bancantes*, a peça rito de criação do Teatro; a saga *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; a peça de sua própria autoria, encenada em cinco partes, sobre Cacilda Becker; e a turnê *Dionizyacas*, que percorreu parte do Brasil montando uma tenda teatro para 2 mil pessoas, encenando cinco peças e com equipe de 60 artistas técnicos. O sonho do Teatro de Estádio, mais Antropofagia. Zé Celso foi um que jamais se dobrou às intempéries do capitalismo no sentido de deixar de fazer suas obras por algum desenlace com as políticas públicas. Por isso, se auto coroou como a companhia teatral brasileira da autogestão! Horizontalidade, igualdade na diversidade, novo modo de criar e produzir.

O Brasil ainda se ressentir de uma elite que vê a cultura como pária da sociedade, como inimiga do lucro empresarial, com um tipo de relacionamento que foge por completo ao princípio básico defendido por Anísio Teixeira para o desenvolvimento humano: a pesquisa desinteressada, a produção artística com investimento desinteressado de resultados para a empresa privada ou para a corporação. Coletivos sob a força do bem comum é que mudam esse pensamento atrasado, reinante nas mentes empresariais. O Oficina é um exemplo, assim como o Galpão, em Belo Horizonte, o Teatro do Novos, na Bahia, a Intrépida Trupe, no Rio de Janeiro e centenas de grandes e pequenos grupos que se espalham pelos Brasis de Dentro e de Fora.

Mas ainda assim permanecem ativas as perguntas de como promover a arte com essa dinâmica de pesquisa desinteressada, dos campos experimentais da arte na tentativa de deixar a intuição de artistas se manifestarem. Há uma recente declaração de Caetano Veloso sobre a criação de um de seus discos mais marcantes em termos de experimentação artística, *Transa*. Caetano chama Jards Macalé para trabalhar com ele nesse projeto em Londres, e ele diz a Macalé, “tenho muitas ideias mas não posso te prometer nada”. Macalé diz “sim”. E como diz Clarice Lispector em *A Hora da Estrela*: “tudo no mundo começou com um sim, uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida!”

Eis a vida em constante renovação.

No ano de 2023, Zé Celso partiu para o desconhecido, assim como o brilhante filósofo autodidata quilombola Antônio Bispo, que fez com que os invisíveis fossem vistos, ouvidos e, tomara, entendidos. Artistas e pensadores como eles deixam legados. O Teatro Oficina permanece vigoroso, com a recente turnê da peça *Fausto*, que segue comendo a caretece por todo o Brasil, como gostava de dizer o diretor. Assim como segue a luta por tornar o terreno do entorno do Teatro Oficina, em São Paulo, uma área de bem comum e de bem-estar.

Bom dia, boa tarde, boa noite!

Uma vigília ritual, ancorada na bondade, no afeto, na empatia tem poder? Sim. O mais recente acontecimento coletivo de amplo alcance mudou, mais uma vez, a trajetória do Brasil em um ponto de virada singular. O amor derrotou o ódio, juntando movimentos populares dos mais variados, organizados pelo MST, o Movimento dos Sem Terra, de importância fundamental no combate à fome e à desigualdade social. Foram 580 dias de acampamento em frente à sede da Polícia Federal em Curitiba, no Paraná. Na prisão estava o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Do lado de fora, diariamente as pessoas se uniam para cantar, dançar, poetizar, pintar e bordar e manter viva a vigília pela Democracia. Isso é um divisor de águas, que vem junto com a disrupção provocada pelo acelerado avanço da tecnologia de comunicação. Todos em permanente comunicação e coligação.

Essa mobilização foi uma das responsáveis pela volta de Lula ao poder, agora em seu terceiro mandato. Reflexo da mudança que seguirá viva. O cacique Raoni subiu a rampa. Quem poderia imaginar? Está claro que ninguém mais quer voltar para a escuridão, para o armário, para a casinha, para um gueto fechado e esquecido. Há transgêneros no Congresso Nacional e nas ruas. Assim como há as pessoas com deficiência física, mental e do espectro autista, os PcD. Todos os lugares são de todas as pessoas. Negros, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQIAPN+, pessoas cis e transgêneras, estão por todas as partes e na Arte e na Cultura. Somos diferentes, mas somos iguais.

Hoje sabemos que a ancestralidade indígena é indispensável na luta pela recuperação do meio ambiente e manutenção do planeta de forma sustentável. Aqueles que vieram antes mostram sua força nos que estão chegando agora. “A Terra gira”, escreveu Euclides da Cunha, em *Os Sertões*.

O sonho continua. É tempo do país da Democracia respirar profundamente e partir para os desafios de reconstrução das Artes, das Ciências, do Patrimônio Cultural, da Educação e das Culturas Populares.

Conseguiremos adiar o fim do mundo?

*E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio.*

Isso é o que nos lembra Caetano Veloso aqui e agora.

No instante presente do ano de 2024, temos Margareth Menezes mulher, preta artista e nordestina, guiando o Ministério da Cultura do Brasil. E, certamente com as bençãos de Machado de Assis, o preto Gilberto Gil compartilha espaço-tempo com o pensador indígena Ailton Krenak, na Academia Brasileira de Letras.

Virá!



Saiba mais!

Unidade 3 – Sec. XXI

Escolhemos um material rico e fácil de navegação. Será interessante assim que terminar de ler esta unidade assistir trechos do que está posto aqui. Quem saber se bisbilhotar antes estes trechos de entrevistas, conferências e documentários, possa iluminar a leitura? Bem, fica a dica!

- Zé Celso e Gilberto Gil debatem descolonização da cultura nacional | Amigos, Sons e Palavras

<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=gil+e+ze+celso+canal+brasil>

- “Antropofagia Zumbi”, por Suely Rolnik – parte 4 – Known how de 5 séculos com a antropofagia.

<https://www.youtube.com/watch?v=apTtn-XV4-c>

- “A natureza”, por Ailton Krenak

Conferência na ABL sobre a natureza com Ailton Krenak

<https://www.academia.org.br/videos/ciclo-de-conferencias/natureza-por-ailton-krenak>

- Portal Bahia Contemporânea / Tema - Teatro

“O Teatro na Bahia Contemporânea”, por Meran Vargens e Elson Rosário

<https://portaldabahiacontemporanea.com.br/artigos/teatro>

- ‘Vou transferir a cracolândia pra lá’, diz Silvio Santos a Zé Celso sobre Teatro Oficina – Sobre o Projeto Parque do Bixiga

<https://www.youtube.com/watch?v=S-k4CcFgmJo>

- Documentário “O nome dela é Gal”, dirigido por Dandara Ferreira (4º Episódio):

<https://www.youtube.com/watch?v=h4cV7OoQdSc>

- Marisa Monte, Documental:

<https://www.youtube.com/watch?v=JQjaNIT5SXw>

REFERÊNCIAS

ITAÚ CULTURAL. O Navio Negreiro e Vozes d'África. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra69169/o-navio-negreiro-e-vozes-d-africa>. Acesso em: 21 de agosto de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ITAÚ CULTURAL. Machado de Assis. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2815/machado-de-assis>. Acesso em: 21 de agosto de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

MENDES, Cleise Furtado. Senhora Dona Bahia – Poesia satírica de Gregório de Matos. Salvador, EDUFBA, 1998.

QUADROS JÚNIOR, João Fortunato Soares de. Música brasileira [e-Book]. São Luís: UEMA; UEMAnet, 2019. ISBN: 9788584620951

RISÉRIO, Antônio. Uma história da cidade da Bahia. Rio de Janeiro, Versal Editores, 2004.

ROCHA, João Augusto de Lima. Anísio Teixeira e a cultura. Salvador, EDUFBA, 2014.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Esboço para uma história cultural da Bahia. Salvador, EDUFBA, 2022.



Pesquisa-Ação

Agentes Culturais
Democráticos



**Fundo
Nacional
da Cultura**
Lei Rouanet



CULT
CENTRO DE ESTUDOS
MULTIDISCIPLINARES
EM CULTURA



Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Professor Milton Santos • UFBA | 10 Anos



Universidade
Federal da Bahia



Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO